Artes Visuais

O mosteiro de Luz visto por Miguel Benicio da Anunciação Dutra. Repare-se nas duas fachadas da igreja, voltadas para o espectador, contrariando os princípios da perspectiva. O desenho é de 1835.

Aquarela de Debret, pouco fidedigna. A vista é da praça da Sé. A direita o Matriz paulista e ao fundo o Igreja de São Pedro dos Clérigos (onde hoje está o Caixa Econômica Federal), com feições absolutamente alteradas. Esta era a única igreja de São Paulo com duas torres.

Aquarela de Debret, importante por mostrar o lado fronteiriço à igreja do Pátio do Colégio, desconhecido em qualquer outro registro. O aspecto da torre da igreja é invenção de Debret.

No Clubinho, anos 50: Kinoshita, Rebolo (presidente), Darwin, Osório Cesar e Mafalda. De costas, de óculos, Sérgio Milliet.

A iconografia paulistana

FERNANDO CERQUEIRA LEMOS

Comprovação documental de que Johann Moritz Rugendas (Alemanha, 1802/1858) esteve em São Paulo, não existe nenhuma, pelo menos que se conheça. Salvo anotação, em um de seus desenhos, da inscrição "costumes paulistas", cujo original é de propriedade de Yan de Almeida Prado.

"Mas, nada comprova que esse desenho tenha sido feito em São Paulo, disse Newton Carneiro, na noite de lançamento de seu livro "Rugendas o Brasil", editado pela Kosmos, com 143 reproduções branco e preto e 12 a cores (mil exemplares a 3.800 cruzeiros). Na Pinacoteca do MAS-P, na noite de autógrafos, Newton Carneiro lembra que o paulista no século passado era comum por todo o Brasil, na figura do tropeiro que, com certeza, transitava pelas ruas do Rio de Janeiro. Portanto, o paulista visto por Rugendas pode ter sido desenhado no Rio mesmo e não necessariamente em São Paulo.

Este livro de Newton Carneiro é a primeira obra de mais fôlego já produzida no Brasil sobre o artista que veio para cá com a missão científica do naturalista russo barão de Langsdorff. Chegando em 1821, Rugendas correu depois vários países latino-americanos, tendo parado mais tempo no Chile. Deixou registros desenhados e aquarelados de todos os lugares por onde passou. Já publicados, há livros sobre Rugendas e sua obra na Argentina, de autoria de Bonifácio del Carril, no Chile de Tomás Lago ("Rugendas, pintor romântico do Chile") e no Peru ("Peru Romântico"), considerado por Newton Carneiro o trabalho mais importante e o mais documentado.

Newton Carneiro acha que, apesar da Rugendas não ter estado em São Paulo (suposição) e desconhecendo-se qualquer registro deste artista da cidade de São Paulo, não quer dizer que a iconografia paulista seja pobre como se supõe. Rugendas nada deixou, mas estiveram na capital paulista nomes da maior importância como Pallière, Debret, Ender e outros. "O que falta — disse é um trabalho levantamento do que existe, que poderia ficar a cargo do arquiteto Benedito Lima de Toledo, estudioso da matéria. O registro fotográfico da cidade de São Paulo, desde meados do século 19 é excepcionalmente bom. Desenhos e pinturas da primeira metade do século passado é que precisam ser levantados".

Século 19 pouco estudado

O crítico e pesquisador carioca Mário Barata que apresentou comunicação na última reunião do CIHA (Comitê Internacional de História da Arte), anota de início que a arte no Brasil no século 19 é pouco estudada, aspecto já observado por historiadores estrangeiros como Robert Smith e Germain Bazin.

"Só em 1979 — diz Barata — saiu o primeiro livro especializado sobre Rugendas no Brasil. A nossa bibliografia sobre os artistas brasileiros ou itinerantes no século passado é quase inexistente.

"Coube a Aracy Amaral — revela Mário Barata — propor o período do século 19 para exame no colóquio do CIHA.

Mário Barata abordou em sua comunicação a figura do artista gaúcho Manuel de Araujo Porto Alegre (1806/1879), contemporâneo de Rugendas e de Debret, de quem foi aluno na Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, fundada pela Missão Artística Francesa.

Com relação ao livro agora lançado por Newton Carneiro sobre Rugendas, artista atuante particularmente no centro-sul brasileiro (em oposição a Debret que se dedicou ao centro-sul), Mário Barata disse:

"O historiador e colecionador Newton Carneiro, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fez um trabalho surpreendente pelas revelações do seu levantamento o corpus brasileiro da obra de João Maurício Rugendas. Era um livro indispensável, que marca um ponto de progresso na bibliografia artística de nosso país. Rugenda foi um itinerante oitocentista de alto valor, deixando trabalhos magníficos sobre o Brasil, o Mexico, o Chile, além dos feitos na sua passagem pelo Peru e Bolívia e pela Argentina e Uruguai. Não foi sem razão que Humboldt e Sarmiento consideraram-no "o pintor das Américas".

"O autor estuda a formação do artista; seus contatos com Langsdorff e a primeira viagem ao Brasil; a edição por Engelmann do livro Viagem Pitoresca ao Brasil; a viagem pela América Espanhola; a volta ao Brasil em julho de 1845; regresso a Europa em 1846 e atividades finais. As estampas de página inteira estão grupadas em capítulos: "Rio de Janeiro e São Paulo", "Pernambuco", "A Missão Langsdorff", "Indígenas", "Vegetação", "Animais" e "Retratos".

"Newton Carneiro estevem em arquivos da cidade de Mulhouse, na Alsacia, consultando a documentação relativa à famosa oficina litográfica de Engelmann. 22 litógrafos trabalharam para aa obra de Rugendas, sobretudo Isidoro L. Deroy, que fez 18 pranchas. Os aspectos de conjunto do livro o valorizam bastante, contribuindo para o êxito que está obtendo".

Uma cidade isolada

Realmente a iconografia paulistana é reduzida, se a compararmos a do Rio de Janeiro e de Recife, especialmente, riquíssimas as duas.

Benedito Lima de Toledo, arquiteto, professor da FAU-USP e estudioso da iconografia de nossa cidade, concorda com ser pequeno o repertório de obras desenhadas ou pintadas retratando detalhes ou vistas gerais de São Paulo: "Não resta a menor dúvida, e a razão é simples: ao longo de todo o quinhentismo, São Paulo foi a única capital fora do litoral e de acesso extremamente difícil. As demais cidades foram já a partir do século 16 retratadas e por necessidade, diria até".

Benedito Toledo se refere aos pontos do litoral brasileiro levados a mapas, para que as embarcações pudessem se localizar na nossa imensa costa.

"Quero lembrar esses importantíssimos documentos — diz que são as "cartas de marear", criadas ao tempo de dom Manoel, com o fim de determinar o ponto exato onde o observador se encontrava "não é outra coisa senão uma pintura ao natural do sítio, feição da terra e água". As cidades litorâneas beneficiaram-se, já no primeiro século, dessa iconografia, o que não ocorreu com São Paulo.

"Mas, vamos nos atar ao século 19, período em que surgem os nomes mais categorizados a retratar São Paulo.

"No primeiro quartel do século passado, tivemos a presença em São Paulo de artistas de porte de Thomas Ender, Jean Baptiste Debret, Charles Landseer, John Burchell, Armand Julien Pallière, barão von Tschudi, Hércules Florence e outros estrangeiros e o nosso ituano Miguel Arcanjo Benicio da Anunciação Dutra".

Cronologicamente, Thomas Ender foi o primeiro artista de importância a registrar São Paulo com vistas, datadas de 1817. "Deixou aquarelas valiosas — disse Benedito Toledo — de assuntos paulistanos e há um volume de Yan de Almeida Prado sobre ele. Recentemente também foi editado um álbum com reproduções de ótima qualidade dos desenhos de Ender".

Thomas Ender, lembra Benedito Toledo, tem, além das vistas da cidade, um valioso desenho chamado "aposento paulista", mostrando assoalho de tábuas largas, treliças nas janelas, conversadeiras e uma cadeira única no grande aposento, registrando assim, um interior de residência paulista".

Ender é austríaco de Viena, onde nasceu e morreu (1793/1875). Veio ao Brasil integrando a missão científica de Spix e von Martius, chegando em 1817.

Debret ponto fiel

Yan de Almeida Prado no seu volume "Jean Baptiste Debret" disse: "Não fosse a estada entre nós de Debret, precedido por Thomas Ender, Mawe, Burchell, Briggs, Pallière e Hércules Florence, pouca iconografia disporíamos do planalto piratininga".

Não resta dúvida que foi Jean Baptiste Debret o artista que deixou o maior número de trabalhos iconográficos da cidade de São Paulo. Entretanto, um trabalho sem grandes preocupações com a fidelidade. Ao contrário de Ender que legou ao Rio um documentário da maior importância para se conhecer ruas, casas, igrejas, hábitos e costumes. Aliás, o próprio Debret executou magistrais desenhos e aquarelas retratando cenas cariocas, extremamente importantes para se conhecer o Rio da primeira metade do século 19.

Debret nasceu e morreu em Paris (1768/1848). Veio para o Brasil junto com a missão francesa de 1816, chefiada por Lebreton (ou Le Breton, como também se vê registrado). Debret deu aulas de "pintura histórica". Em São Paulo esteve em 1827, data que após em todos os seus trabalhos realizados aqui. Visitou também o Paraná (na época ainda era território paulista), Santa Catarina e São Pedro do Rio Grande do Sul.

Benedito Lima de Toledo observa: "Comparando-se os trabalhos de Debret feitos no Rio com os feitos em São Paulo, parece que estes últimos foram realizados de forma apressada".

Realmente a pouca fidelidade das aquarelas de Debret sobre São Paulo, sugere que ele tenha pintado de memória ou a partir de esbocos rudimentares, sem as anotações de detalhes, inventando o que jamais existiu. Para exemplo podem ser citadas a torre da igreja do Colégio, com anéis concêntricos, em forma de cone e a fachada da igreja de São Pedro dos Clérigos, no largo da Sé, que se apresenta acachapada, com o frontão bem mais alto que as torres que também estão longe da verdade. Vista isoladamente, como Debret a pintou, ninguém é capaz de identificar esta igreja.

"O melhor desenho de Debret em São Paulo — fala Benedito Toledo — é a chegada do Rio (atual avenida Rangel Pestana), apesar de cometer erros quanto à igreja do Carmo, alterando flagrantemente o frontispício e a torre. Deixou também um trabalho importante, que revela um quarto lado do pátio do Colégio (fronteiriço à igreja), que nenhum outro artista registrou, o que torna o trabalho de grande valor iconográfico".

Apesar de Debret ser o autor de uma iconografia relativamente ampla, não é ela, entretanto, documento fidedigno para um estudo da cidade de São Paulo, na primeira metade do século 19.

Esta conclusão é confirmada por um exame de sua aquarela intitulada "Vue generale de la ville de St Paul". Pelo perfil topográfico, pelas igrejas, casario e demais detalhes, São Paulo é absolutamente indentificável. Impossível de se dizer o que é cada um dos elementos ali registrados. Sabe-se que é São Paulo apenas porque o artista anotou o nome no rodapé.

Benedito Toledo lembra, ainda que, pela mesma época, em 1825, São Paulo recebeu a visita de dois desenhistas ingleses de superior qualidade: William John Burchell e Charles Landseer. De todos os desenhistas que passaram por aqui, retratando São Paulo, Landseer foi o mais categorizado. "Legou-nos uma magistral vista do núcleo histórico — disse — em esplendido desenho. A vista é a partir do vale do Anhangabaú. Ele coseguiu as relações do arruamento e dos edifícios com admirável fidelidade, sem prejuízo do valor do próprio desenho".

Ambos vieram integrando a missão Stuart, cuja finalidade era negociar o reconhecimento da independencia do Brasil. Estiveram em São Paulo separadamente.

"Desenhistas minuciosos — afirma Benedito Toledo — realizaram vistas com grande rigor, o que se pode constatar em comparação com outros documentos. Parece que eles usaram para o seu trabalho o recurso da "câmara lúcida".

"A obra desses dois artistas permaneceu quase 150 anos praticamente inedita. De Landseer tivemos uma primorosa edição. Mas a obra de Burchell é pouco divulgada. Gilberto Ferrez, em 1970, publicou um artigo na imprensa sobre este artista. Pelos poucos trabalhos de Burchell conhecidos, fixando a cidade de Santos (reproduções fotográficas), podemos constatar suas superiores qualidades."

William John Burchell é natural de Fulham, perto de Londres, nascido em 1781. Em julho de 1825 chegava ao Brasil. Burchell que era naturalista e botânico, ficou tão impressionado com a exuberância da natureza brasileira, rios, plantas, florestas, picos, que chegou a escrever: "tentam-nos muitas vezes a deixar a História Natural pela pintura". Existem dele 10 desenhos de São Paulo e arredores, conforme registrou Ferrez no citado artigo, todos arquivados em Johannerburg, na África do Sul, até hoje inéditos. Gilberto Ferraz, no Rio de Janeiro, tem cópias fotográficas desses 10 desenhos.

A magistral vista de São Paulo, aproximadamente de 1825, do artista inglês Charles Landseer. Esta é a principal peça da iconografia paulistana da primeira metade do século 19.

Charles Landseer nasceu em Londres em 1799 e morreu depois de 1850, em data não conhecida.

O patriarca da iconografia

Benedito Lima de Toledo levanta outro nome importante: Hércules Florence. Um expecional desenhista, nascido em Nice, França, em 1804. Veio para o Brasil com a missão Langsdorff, naturalista russo que contratou também o trabalho artístico do austríaco Rugendas.

O historiador Afonso de Taunay disse que Florence foi o "patriarca da iconografia paulista". Este desenhista francês chegou a São Paulo por volta de 1830 (em 1825 já estava no Rio), vivendo aqui cerca de 50 anos. Morreu em Campinas em 27 de março de 1879. Florence, além de desenhista, foi um estudioso da técnica fotográfica, tendo obtido sucesso nas suas pesquisas, inventando um equipamento para a obtenção da fotografia. Foi também amigo e partidário do padre Diogo Antônio Feijó a quem acompanhou até Sorocaba, berço da Revolução Liberal de 1842, editando ali o jornal "O Paulista", que defendia os ideais do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar e de Feijó.

Hércules Florence deixou uma rica e magnífica iconografia paulista, que chegamos a ver em recente exposição no MASP.

"Tivemos também a presença aqui em São Paulo — prossegue Benedito Lima de Toledo — do inglês Parish Kidder e de J.G. Fletcher, dois religiosos protestantes americanos. Eles publicaram por volta de 1857, nos Estados Unidos, o importante livro "Brazil and Brasilians", onde aparecem algumas ilustrações de São Paulo, feitas a partir de fotos de autor desconhecido. Não há comprovação de terem sido aqueles missionários os autores dos desenhos.

Outro livro que surgiu pouco depois, na Alemanha, foi "Reisen durch Sud Amerika" de autoria do médico, naturalista e diplomata suíço barão J.J. von Tschudi. Os desenhos retratando São Paulo, que ilustram a publicação, são atribuídos por Afonso de Taunay ao próprio Tschudi. Mas não há também comprovação disso.

Tschudi era formado em Ciências Naturais (e em Medicina, que estudou em Paris), tendo sido destacado em 1860 ministro pleonopotenciário no Brasil, onde ele já se encontrava desde 1857. O seu livro relata viagem ao Rio de Janeiro e São Paulo, com desenhos do centro urbano paulistano.

"Tschudi — conta Benedito Toledo — no seu livro chama a atenção para um artista ituano, Miguel Arcanjo Benicio da Anunciação Dutra, que à época de sua passagem por Piracicaba, ali edificava uma igreja (da Boa Morte).

"Disse Tschudi: "Asseguraram-me que se tratava de um homem modesto, trabalhador incansável e extremamente talentoso, que teria conquistado renome se tivesse tido uma educação adequada na Europa".

"Miguel Dutra (Miguelzinho) — exclarece Benedito — foi um autodidata. Ele teve que suprir com imaginação sua falta de escola. Perspectiva não era o seu forte. Veja-se o curioso desenho no mosteiro da Luz datado de 1835, onde as duas fachadas do edifício são desenhadas voltadas para o observador".

Miguel Dutra que Aracy Amaral pesquisa para trabalho em preparo, era um artista ingênuo, dotado de poucos recursos técnicos, no desenho e na pintura. Nasceu em Itu em 1810 e morreu em Piracicaba em 1875. Auxiliou o padre Jesuino do Monte Carmelo a decorar a igreja do Carmo de Itu.

"Ainda há a iconografia paulista deixada pelo francês Armand Julien Pallière, constante de excelentes vistas de São Paulo. São de grande fidelidade os seus desenhos" — informa Benedito Toledo. "Nascido em 1784 (morreu em 1862), foi Pallière incumbido por Dom João VI, logo após sua chegada em 1817, de realizar vistas do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. De São Paulo deixou magníficas aquarelas da várzea do Tamanduatei".

Segundo José Roberto Teixeira Leite, foi Pallière o introdutor da litografia no Brasil. Casado com a filha do arquiteto francês Grandjean de Montigny, membro da missão francesa, teve um filho nascido em 1823 no Rio (Jean Leon Pallière) que foi também pintor e litógrafo. Retornou à França em 1830, morrendo em Bordeaux, sua cidade natal.

Eduardo Hildebrandt (1818/1869), alemão de Dantzig, também esteve, por curto período de alguns meses, no Brasil, passando por São Paulo, onde chegou a executar algumas aquarelas e desenhos, hoje no acervo do Museu de Berlim. A viagem de Hildebrandt foi promovida e patrocinada pelo imperador Frederico Guilherme 4.°, em 1844.

Resta por fim um rigoroso levantamento de toda essa obra iconográfica paulista e paulistana, pouco conhecida, de artistas europeus, norte americanos e brasileiros. E uma coleção não tão ampla como de outras capitais brasileiras. Mas não tão pequenas que não justifique o seu registro disciplinado e completo.

Quanto à segunda metade do século 19, temos uma documentação sistemática com fotos de Militão de Azevedo. Este importante fotógrafo produziu um raro álbum comparativo da cidade de São Paulo, com fotos tiradas do mesmo ângulo em dois anos, 1862 e 1887 (25 anos de diferença). Esse álbum de que se conhecem poucos exemplares, é disputadíssimo. Dado o seu alto interesse, a Secretaria Municipal de Cultura resolveu reeditá-lo, tendo mesmo encomendado três textos explicativos, ao próprio Benedito Lima de Toledo, ao arquiteto Carlos Lemos e ao fotógrafo Boris Kassoy, textos que já foram entregues há mais de dois anos. Esse álbum prometido, entretanto, continua sendo promessa.

Mário Chamie, agora à frente da Secretaria Municipal de Cultura poderia exumar esse projeto que está engavetado em algum canto de sua Secretaria.

Memória - 4

Osório César, 83 anos, pioneiro esquecido

LUIZ ERNESTO KAWALL

— "Estou me recuperando como posso, e com a ajuda dedicada da Mafalda, de um pequeno derrame, e de renitente arteriosclerose... Vivo de aposentado como médico do Juqueri, como escritor não, não me deram, por causa das prisões... Leio arte e filosofia, mexo nas minhas coisas, nos meus escritos, continuo marxista... Raciocínio por agora, e tenho alguma dificuldade para ler, mas, acho, também, já cumpri a minha missão cá na terra".

Osório César, 83 anos, paralisado de João Pessoa, nos recebe acamado ao lado de sua mulher, no pequeno e confortável apartamento onde vive no centro da cidade. Seus 10 mil livros e uns 300 quadros estão espalhados pelas salas, e Osório vai apontando as telas preferidas, de Walter Lewy, Quirino, Mori (1.ª fase), Kinoshita, Castellani, Gino, Bruno, Tabaona, Pennacchi (com afetuosa dedicatória), Nelson Nóbrega, Fang, Júlio Guerra, Wega, Kaminagai, Marina Caram, Marysia, Raimo, Renée Lefreve, uma escultura de Pola Rezende. E muitas, muitas obras de psicopatas, em geral de um surrealismo fantástico e trágico. Dentista, médico pesquisador, Osório César foi o pioneiro, em nosso País, a se interessar pela arte dos psicopatas, muito antes das experiências (tão badaladas, hoje) de Nise da Silveira, no Engenho de Dentro, Rio de Janeiro.

— "Meu trabalho foi facilitado, pois entrei para o Juqueri, em 1925... Curei muitos doentes mentais, pela arte. Fiz muitas exposições de seus trabalhos, aqui, no Rio, em Paris, sempre pioneiramente... Por que não, a cura pela arte?... Van Gogh não era um louco, e, hoje, não é considerado um gênio?... Acho que fiz umas 50 exposições desse tipo, e o Rebolo e toda geração de 40/50 devem se lembrar das mostras de psicopatas no Clubinho dos Artistas... Mas, a mais importante, foi a que levei para a Sociedade de Psicologia, de Paris, onde falei a mais de 200 médicos ali reunidos... Pena que, com exceções, esse entrosamento não tivesse sido continuado até hoje.

Osório veio para São Paulo em 1912. Formou-se em odontologia, dando aulas de violino para sobreviver. Em 1918 matriculou-se na Faculdade de Medicina, terminando seu curso médico em 1925, na Faculdade da Praia Vermelha. Depois, foi formado, interno, pela Europa, fazendo cursos de especialização na França, na Áustria, na Alemanha. Em Paris, trabalhou vários meses como assistente voluntário no Hospital Salpetrière, o mesmo onde Jung se especializou. Aqui conheceu vários discípulos de Jung, entre os quais o Prof. Pierron. Visitou os grandes centros hospitalares desses países e também da Turquia, Na Rússia, em Leningrado e Moscou, participou do 15.° Congresso Internacional de Fisiologia, certamen organizado por Pavlov. Correspondeu-se na década de 20, com Freud, mas venceu as cartas do criador da Psicanálise, recentemente, num aperto financeiro... Foi o segundo marido de Tarsila do Amaral, após o casamento desta com Oswald de Andrade, e não gosta de falar muito nessa ligação.

— "Tarsila era maravilhosa, como mulher e artista... Fui com ela à Rússia e Turquia, numa viagem fascinante de 3 meses... Ela fez alguns desenhos, vendeu um trabalho por 300 rublos, em exposição em Moscou. 2 eu publiquei em meu livro "Contribuição à psicologia da gravidez"... Interessante que, ao voltarmos de viagem, eu fui preso, durante um mês, na Polícia Política do Rio, e ela, que tinha ligações mais altas, e era fazendeira, foi solta no dia seguinte... Ela recebeu na Europa, de Leger e outros, muitas influências, mas sua pintura social, logo após a fase da Antropofagia, quando fez operários e arrabaldes, é notável e de grande importância para a arte brasileira."

Osório César escreveu durante 30 anos, como colaborador, em vários jornais, fazendo crítica de arte na "Folha da Tarde", "A Gazeta" e "Diário da Noite". Achou sempre Portinari um artista realista e nacionalista pintou a fome, a miséria, os retirantes... Di Cavalcanti, a seu ver, era mais expressionista formal, um figurativo sensual e lírico... Hoje, acha, o pessoal de seu tempo evoluiu de abstracionismo/figurativismo, para os ismos que "consagram, ou, enterram"... E cita, como artistas ainda preferidos, Volpi, Pennacchi, Mori, Rebolo e Walter Lewy. Na poesia, ninguém se igualou a Neruda.

— "E, isso... Publiquei mais de 20 livros, sobre a expressão artística dos alienados, a arte primitiva dos dementes mentais, estudos gráficos e sexuais entre psicopatas, a arte de loucos e vanguardistas, e outros, de pesquisa científica e caráter social. O livro sobre a Rússia, tem prefácio de Henry Barbusse, diretor do "Le Monde", e o "Misticismo e loucura", foi o prêmio maior da Academia Brasileira de Letras em 1948... E até hoje tenho, a segunda edição dessa obra, pronta, completa, ilustrada, mas não aparece editor, quem sabe agora... Preso fiquei no celebre presídio da Polícia política paulista, o Maria Zélia, e aquilo, sim, é que era loucura... Mas ao final de longo processo, que durou 5 meses, o íntegro delegado que presidiu o inquérito, Fernando Luiz Vieira Ferreira, disse que o meu livro "Onde o proletariado dirige", honrava a cultura brasileira... E fui solto... Agora, detenções (tive muitas e outras, mas não me arrependo de nada... E quer saber duma coisa (?), sou fã de Luis Carlos Prestes até hoje... A sociedade brasileira há de encontrar o seu caminho democrático de abertura e a nossa cultura viverá dias melhores.

Charoux degustado

Charoux expõe, na década de 50, desenhos e guaches na Petite Galerie, no Rio. Inauguração festiva, badalação, todos gostam do construtivismo geo métrico do artista vienense-paulista. Dia seguinte, Charoux sai do hotel, vai ao local da mostra, e encontra Ondina, sua mulher, aflitíssima:

— "Raulzinho", veja o que aconteceu, um quadro sumiu!"

Charoux olha mais detidamente o guache e nota, mesmo, que o trabalho só tem o fundo preto, toda a tinta branca havia desaparecido. Naquele tempo, pinha-se glicose na tinta... e as baratas cariocas comeram os riscos açucarados de Charoux durante toda a noite. Ele saiu pela Avenida Atlântica, mãos nos cabelos já grisalhando:

— "Pôxa vida! Pôxa vida"! Pôxa vida...

— L.E.K.